

Sobre a idéia de projeto

Celui-là seul qui a vocation et volonté de faire naître

Le futur peut voir la vérité concrète du présent.

K. AXELOS et J. BOIS, apud MIEGGE, 1989, p.162

Introdução

A palavra *projeto* costuma ser associada tanto ao trabalho do arquiteto ou do engenheiro quanto aos trabalhos acadêmicos ou aos planos de ação educacional, política ou econômica. Em todos os casos, dois são os ingredientes fundamentais sem os quais não se pode ter senão uma pálida idéia do significado de tal palavra: *futuro (antecipação)* e *abertura (não-determinação)*. Como esboço, desenho, guia da imaginação ou semente da ação, um projeto significa sempre uma antecipação, uma referência ao futuro. Distingue-se, no entanto, de uma *ds.* previsão, uma prospectiva ou uma conjectura, que são, muitas vezes, efectivamente, representações antecipadoras, mas que não dizem respeito, de modo algum, a um futuro a realizar, anunciando simplesmente acontecimentos susceptíveis de ocorrer, ou uma previsão sobre evoluções possíveis do real passíveis de serem consideradas na elaboração das estratégias dos atores, mas que não se constituem necessariamente em realizações dos mesmos. Por outro lado, uma concepção rigorosamente determinística do real elimina completamente a idéia de projeto; o segundo elemento constituinte de tal idéia é a permanência aberta para o novo, para o não-determinado, para o uni-

In: MACCHIADO, Nilton José. Ensaaios Transversais: Cidadania e Educação. Editora Escritoras. 189 p. (pág.: 63 - 78)

verso das possibilidades, da imaginação, da criação. As palavras de BARBIER (1994, p.52) sublinham de modo preciso o que se afirmou anteriormente: "O projeto não é uma simples representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma ideia, é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar em real, uma ideia a transformar em acto." Sem dúvida, não há projeto sem futuro e, simetricamente, sendo a realidade uma construção humana, pode-se afirmar também que não há futuro sem projeto.

Etimologia

Etimologicamente, a palavra projeto deriva do latim *proiectus*, particípio passado de *proicere*, algo como um jato lançado para frente; relacionando-se diretamente com outras palavras igualmente fecundas, como sujeito, derivada de *subiectus/subijcere* (lançado de dentro, de baixo), ou objeto, de *objectum/objicere* (lançado diante, exposto), ou ainda, trajeto, de *trajectus/trajectare* (passagem através de). Todas têm um significado relativamente ambíguo, que talvez seja mais explícito em *sujeto*, que tanto designa o que é submetido à ação, quase equivalente a objeto, quanto o que submete, o que realiza ação; entretanto, também *objeto* pode nomear tanto o objetivo de uma ação de transformação do real quanto a porção da realidade na qual tal ação se efetua; *trajeto* pode nomear, igualmente, o caminho já percorrido ou o caminho a percorrer. No caso do *projeto*, a palavra designa igualmente tanto aquilo que é proposto realizar-se quanto o que será feito para atingir tal meta; as palavras de LICHNEROWICZ (apud BARBIER, 1993, p. 57) são elucidativas: "Se no século XVII o projeto é simplesmente uma ideia de ação, bem depressa, no decorrer do século XVIII, a palavra assume o sentido de plano que visa realizar essa ideia." Esta relativa ambigüidade, longe de constituir-se em problema a ser superado, situa-se na raiz de tais noções,

abrindo caminho para o estabelecimento de fecundas articulações entre os elementos de pares como sujeito/objeto, interior/exterior, forma/conteúdo, individual/social.

Projeto/desenho

Para compreender as relações entre as idéias de projeto e de desenho, é interessante observar o que se passa na língua inglesa, onde *design* parece representar mais fielmente a idéia de projeto do que *project*. De fato, a palavra *project* parece associar-se muito facilmente certa conotação técnica, como no caso das perspectivas, ou das projeções cartográficas, enquanto a palavra *design* mantém uma relação mais direta com as idéias de plano, concepção, criação, esboço, desenho. O próprio SIMON, ao escrever "As Ciências do Artificial" (1969), denominou o capítulo em que trata da "ciência do projeto" de "The Science of Design". Mais modernamente, sobretudo após a Revolução Industrial, a palavra *design* teve seu significado bastante enriquecido, aproximando as idéias de estilo, criação, concepção, e as de cópia, de padrão de reproduzibilidade, no terreno da estética industrial. Já faz algum tempo que o *designer* é um profissional indispensável numa equipe de projetos industriais, sendo sua atuação mais diretamente associada à criação de formas, à idéia de criação, ou ainda, à própria concepção de inteligência. Muitos profissionais da indústria endossariam as palavras de Frank PLOK (1878-1941), um ex-Presidente da British Design and Industries Association: "*Good design is intelligence made visible*". De modo geral, no entanto, a importância especial da idéia de *design* enquanto projeto em seu sentido mais legítimo deve ser associada à singular mediação realizada entre a criação individual e a intenção de reprodução, de imersão no imaginário coletivo.

Projeto e inteligência

A capacidade de elaborar projetos pode ser identificada como a característica mais verdadeiramente humana; somente o homem é capaz não só de projetar como também - e primordialmente - de viver sua própria vida como um projeto. Mais recentemente, nos debates sobre o significado da inteligência e a possibilidade de uma "Inteligência Artificial", novamente a capacidade de ter "vontades", iniciativas, de criar, de cultivar sonhos ou ilusões, em outras palavras, de ter projetos, tem sido considerada a característica humana distintiva, tanto em relação aos animais como em relação às máquinas. Um computador, por mais sofisticado que venha a ser, ainda que possa vir a realizar certas operações similares às realizadas pela mente humana, jamais alimentará sonhos ou ilusões, nunca será capaz de ter projetos "pessoais". Julia MARLAS sintetizou tal caracterização com maestria ao afirmar: "*La realidad humana es predominantemente pretension, proyecto*" (MARLAS, 1988, p.38). Sem projetos, não há vida, em sentido humano; excluindo-se o ponto de vista religioso, a morte é o fim de todos os projetos. Desde a idéia original de religião do ser humano com Deus, as religiões, em seus múltiplos avatares, buscam projetar uma outra vida, extraterrena, ou fazer o homem projetar-se até ela.

Projeto e ilusão

A idéia de projeto relaciona-se diretamente com a de ilusão. Embora em sua conotação mais frequente, em várias línguas, a palavra ilusão denote sua face negativa, caracterizando-se como irrealidade, engano ou erro, em quase todas, tal

palavra apresenta outra face, de conotação positiva, associada naturalmente às idéias de imaginação, de fantasia, de utopia e de projeto. Em língua portuguesa, por exemplo, poucos são os que se orgulham de estar "desiludidos" a respeito de qualquer tema; quase todos esperam; portanto, estar "iludidos", ou "ter ilusões". Inúmeras canções populares registraram tal dimensão positiva da idéia de ilusão, associando-a diretamente à idéia de felicidade. Em espanhol, estar "ilusionado" tem um sentido afetivamente positivo, como sublinha MARLAS (1985) em seu notável *Breve Tratado de la Ilusión*. Etimologicamente, a palavra deriva do latim, onde o substantivo *illuio* procede do verbo *illuderi*, cuja forma simples é *luderi*, associada a *ludus*, que quer dizer jogo. Convém sublinhar que a palavra *ludus* associa-se a jogos que envolvem ação, diferenciando-se de *iocus*, que pode ser um jogo verbal; embora tal distinção tenha paulatinamente se matizado, a associação radical entre a ilusão e a ação pode contribuir para a compreensão das conexões entre jogos, projetos e ilusões.

Projeto e jogo

A comum associação entre a vida em sentido humano e um jogo já foi explorada de modo instigante e fecundo em diferentes perspectivas por autores como CALLOIS (1986), HUIZINGA (1972) ou BALLY (1958). A caracterização do homem como "o animal que joga", que joga durante toda a vida e que faz de sua própria vida um jogo encontra-se presente em todos eles, fazendo coro com o poeta SCHILLER (1759-1805), que afirmou: "*Sólo juega el hombre cuando es hombre en todo el sentido de la palabra, y es plenamente hombre sólo cuando juega*" (apud BALLY, 1958, p.8). No que se refere à relação entre a ilusão e o jogo, é possível afirmar-se que, para os indivíduos em geral, ter ilusões significa estar no jogo, estar desiludi-

do significa desistir de jogar. O fascínio exercido pelos diversos tipos de jogos em todas as épocas ou culturas, que se manifesta tanto no desempenho dos jogadores ou atletas como no entusiasmo dos torcedores, é um indicio notável da perenidade e da importância dos jogos, individuais ou coletivos, nos esportes como nas loterias. No caso específico das loterias, nos esportos entre jogos, ilusões e projetos resulta mais explícita: ninguém compra um bilhete sem a expectativa ilusória (ou "ilusionante") de vir a ganhar, e ninguém pretende ganhar se não para realizar seus projetos pessoais. Assim, comprar um simples bilhete em geral significa, de modo simbólico, uma declaração de vida, um atestado de "estar no jogo", um verdadeiro exercício da capacidade de projetar. Obviamente, tal declaração simbólica tem aqui apenas uma função indiciária; desvinculada de formas efetivas de projetos, estruturados a partir de uma arquitetura de valores, e que visem a uma ação transformadora do real, tal simbolismo tem a eficácia de um furo n'água.

Projeto e utopia

A dimensão ilusória do projeto aproxima tal noção da idéia de utopia. Convém, em rápidas palavras, registrar algumas distinções importantes. As utopias são como formas radicalizadas de projetos, que visam, em geral, à comunidade humana em seu conjunto, não sendo delimitadas geográfica ou temporalmente. Realizam-se em lugar nenhum, em tempo algum, não tendo o compromisso com o futuro, característico da idéia de projeto. A palavra origina-se do grego: *ou* (não) + *topos* (lugar). Foi criada pelo chanceler inglês Thomas Moore, como título de seu livro sobre política, indiciando o nome de um país inexistente, metramente imaginário. Por esta via analógica, seu significado costuma ser associado ao de coisas

68

impossíveis de se realizar, ou a desejos vãos. Entretanto, as utopias decorrem sempre de um modo imaginário racional, contrapondo-se, até certo ponto, ao caráter tóxico ou à fluidez antecipatória dos projetos, que podem, às vezes, comprometer os demais com a ação ou descomprometê-los com a perspectiva da totalidade. Por outro lado, é justamente o caráter operatório dos projetos que os distingue com mais nitidez dos elementos operatórios que instrumentam as ações transformadoras e apontam no sentido de sua realização, uma utopia não considera sequer a discussão sobre os caminhos ou a possibilidade de sua realização. Enquanto um projeto nasce, em geral, de um esboço, de um desenho que funciona como um verdadeiro anteprojecto, uma utopia é como uma imagem que não aspira à materialização, é um autêntico antiprojecto. Não obstante tais características, as utopias desempenham um papel fundamental na germinação dos projetos e uma eventual renúncia às utopias poderia significar, simbolicamente, uma perda de vontade de transformar globalmente a realidade, de construir a história. Os totalitarismos de todas as cores consistem sempre no aniquilamento das utopias, de todos os sonhos de sociedades diferentes da instalada.

Projetos e educação

Utopias, projetos, valores constituem ingredientes fundamentais da idéia de educação. Derivada do latim - *educatio*, do verbo *educare* (instruir, fazer crescer, criar), próximo de *educere* (conduzir, levar até determinado fim) -, a palavra educação sempre teve seu significado associado à ação de conduzir a finalidades socialmente prefiguradas, o que pressupõe a existência e a paritilha de projetos coletivos. Por outro lado, o combustível essencial para o desenvolvimento da personalidade de

69

cada indivíduo não é senão o espectro de projetos que busca desenvolver ao longo da vida, e que vai constituir as "trajectórias vitais" que o caracterizam, na feliz expressão de MARFAS (1988, p.268). Assim, em todas as épocas ou culturas, o *leitmotiv* da educação sempre foi a busca da dupla construção e de uma simbiose, de um entrelaçamento, de uma fecundação mútua entre projetos individuais e projetos coletivos. Tais projetos são estruturados a partir de uma arquitetura de valores socialmente negociados e acordados, na busca do delicado equilíbrio entre a conservação e a transformação. Neste sentido, a educação sempre será tributária de idéias utópicas, sempre será motivada pelo que é possível imaginar e não apenas pelo que é possível imaginar como possível; nunca poderá resumir-se apenas a utopias, mas jamais poderá prescindir delas. Freqüentemente inspirados por elas, os projetos educacionais buscam as condições de operacionalidade necessárias para as fecundações e/ou transformações prefiguradas.

Projetos e valores

Para compreender o fato de que projetos e valores desempenham papéis de protagonistas nos processos educacionais em sentido amplo, convém observar o que costuma ser caracterizado como "crise" na educação, nos mais diferentes países, nas mais variadas épocas. Muitas vezes, tais crises têm sido examinadas numa perspectiva técnica, que as associam à carência de recursos ou de competência técnica em conteúdos específicos. Ainda que, em diferentes lugares, as razões pareçam muito distintas, em todos os casos, crise na educação significa sempre ausência ou transformação radical nos valores, ausência ou transformação radical nos projetos, tanto individuais quanto coletivos. Em tempos recentes, um exemplo marcante de transformações nos projetos e valores ocorreu em

70

Portugal, após a Revolução dos Cravos, em 1974. Outro exemplo notável teve lugar na Espanha, após a ascensão do governo socialista, em 1985. Não se pretende aqui estabelecer qualquer comparação entre os períodos que antecederam e sucederam as citadas transformações, o que poderia caracterizar uma interferência indevida em assuntos internos aos países citados; registra-se apenas a ocorrência indubitável de uma transformação nos valores socialmente acordados, articulados para a realização dos novos projetos em curso, tanto em nível individual quanto em nível coletivo. Em nível individual, já se pretendeu que a satisfação das necessidades básicas do ponto de vista biológico ou econômico deveria ser a meta precípua dos governos. Hoje, parece claro que tais satisfações, desvinculadas da possibilidade de uma abertura para sonhos, fantasias, projetos individuais, conduz a uma espécie de morte da personalidade tanto quanto a carência de alimentos conduz à morte física. Em nível social, a ausência de projetos coletivos costuma constituir-se em um problema crítico, responsável pelo surgimento de conflitos, mesmo em sociedades industrializadas, como bem caracterizou RICOUER em "Interpretação e Ideologias" (1977). Nos países em desenvolvimento, muitas vezes, simulacros de projetos ganham corpo a partir da aspiração, quase sempre ingênua, de copiar os países desenvolvidos; nesses, a ausência de matrizes para serem copiadas já produziu, em passado relativamente recente, certas simulações de rompimento com o *status quo*, certas marginalidades fictícias facilmente absorvíveis pelo sistema, como a dos movimentos *hippies* dos anos 60. No entanto, a saída para todas as crises, tantas vezes perquirida em universos de significações que se restringem ao político/econômico, passa, inevitavelmente, pelos espaços do conhecimento, por uma redefinição de projetos e valores, pela educação em sentido amplo.

71

O caso brasileiro

No caso específico da educação brasileira, a ausência de um projeto coletivo tem sido confundida amiúde com a inexistência de algo como um plano nacional de educação, bem como de uma legislação adequada. A atual Constituição (1988) prevê, inclusive, a existência formal de tal plano, que orientaria diretamente as ações educacionais, e um projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional tramita há mais de sete anos no Congresso Nacional, subjazendo certa expectativa de que a solução de muitos dos problemas educacionais decorrerá de sua aprovação. Naturalmente, não se pode duvidar da necessidade da existência de planos de ação, não só para a área da educação, como também para a da saúde, para a da habitação etc., bem como de uma legislação atualizada, que constitua a dimensão objetiva dos limites das ações políticas. Entretanto, a dependência tão direta entre projetos e planos de ação, entre planos e leis que viabilizem sua implementação não parece natural nem conveniente. No caso da educação, carece-se muito mais de uma carta de princípios gerais, uma espécie de rúbu de valores fundamentais, amplamente acordados com as entidades mais representativas da sociedade, sublinhando os valores maiores que deveriam orientar os projetos e as ações educacionais, do que de planejamentos excessivamente minuciosos ou de alterações radicais na legislação em vigor. Alguns exemplos de tais valores, quase sempre consensuais no nível do discurso mas raramente presentes na implementação das ações, são a autonomia das unidades escolares, que não pode limitar-se a aspectos financeiros, e a valorização da função docente, que não se esgota na questão salarial mas que não pode esquecer-se o entranhamento em valores como esses, os projetos mais bem intencionados terminam por perder toda a potencialidade transformadora, tendendo a confundir-se com planos de ação

72

de cunho meramente burocrático, ou a tangenciar o terreno jurídico, onde correm o risco de confundir-se com leis, cristalizando-se ou tornando demasiadamente rígido o que deve ser, por sua natureza, flexível, adaptável, variável.

O caso português

A educação portuguesa, em tempos recentes, constituiu um exemplo elucidativo para a correção dos desvios que acima se pretendeu apontar. A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), formulada no período posterior à Revolução dos Cravos (1974), registra, em seu Art. 2º, que a educação deve organizar-se tendo em vista "o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos" e a incentivar "a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários." Em seu Art. 3º, explicita os princípios de organização do sistema educacional, que deve ter em vista "contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania", assim como "assegurar o respeito à diferença, meritê do respeito pelas personalidades e pelos projetos individuais de existência." A referência direta ao respeito aos projetos individuais constitui um indício importante da preocupação em valorizar o ser humano, tomando-o como ponto de partida para as ações educativas, ao mesmo tempo em que se busca uma valorização da solidariedade, da tolerância, elementos constituintes da noção de plena cidadania, evidenciando, portanto, um equilíbrio na dupla preocupação de formação pessoal e social.

A idéia de integração entre a formação pessoal e a social, entre o desenvolvimento das personalidades individuais e o pleno exercício da cidadania tem sido objeto de estudos extremamente fecundos, com origem em diferentes áreas do conhecimento, como os de Norbert ELIAS, em "A Sociedade dos

73

Indivíduos" (1994), no terreno da sociologia: os de Marvin MINSKY, em "A Sociedade da Mente" (1985), no terreno da psicologia cognitiva; ou os de Pierre LÉVY, em "L'Intelligence Collective" (1994), no terreno da epistemologia. Entretanto, sua inserção na legislação educacional portuguesa na forma consciente, direta e equilibrada, visando não apenas a objetivos estréticos ou meramente retóricos, é um fato alvissareiro para o futuro da educação nesse país. Tais preocupações parecem conduzir naturalmente o debate sobre as questões educacionais para a elaboração da idéia de projeto, e em particular, para a construção da noção de *projets vocacionari*. Em FONSECA (1994) pode ser encontrado interessante material a esse respeito, destacando-se a análise de como os projetos de vida são construídos na interface individual/social, sempre supondo uma intervenção conjunta de elementos afetivos, cognitivos e sociais. Cada projeto de vida tende a caracterizar-se como a realização de uma vocação, de um apelo, de um chamamento vindo, a um tempo, de dentro e de fora, representando o mais harmonioso encontro possível entre as aspirações individuais e os interesses coletivos. A idéia de vocação aqui evocada pouco tem em comum com as perspectivas religiosas ou com os determinismos inatistas, aproximando-se muito mais da perspectiva profissional, ou da escolha "madura" de uma atividade profissional. As palavras de FONSECA podem servir para explicitar mais as considerações supra-referidas, ao mesmo tempo em que aproximam as idéias de vocação e de projeto: "*A concepção de maturidade vocacional adquire o seu pleno significado inserida num processo que valoriza a noção de projeto como elemento motor e significativo das condutas humanas. O projeto profissional, em particular, surge como um suporte concreto que favorece a elaboração de projetos em geral e que não se limitam ao mundo do trabalho.*" (1994, p. 61). É essencial, portanto, que a escolha profissional possa ser inserida em um cenário mais amplo, onde o

74

elemento organizador parece ser justamente o projeto de vida de cada ser humano.

Projetos, vocação

Tendo por base a presente perspectiva, onde a idéia de projeto representa o fio condutor para a organização das ações, a educação tende a transformar-se, mais do que nunca, no elemento vital da dinâmica social, tanto na alimentação dos recíprocos que compõem e integram a complexa teia de inter-relações indivíduos/sociedade, quanto como fonte de energias necessárias para as transformações a serem implementadas. Novamente aqui as palavras de FONSECA são esclarecedoras: "*a orientação vocacional deve permitir aos alunos a elaboração de um projeto pessoal de existência que lhes permita exprimir necessidades, aptidões, interesses e valores individuais e ultrapassar constrangimentos diversos, insuperáveis de limitar o leque de opções escolares profissionais à sua disponição, como o sexo, a origem socioeconómica ou dificuldades de aprendizagem*" (1994, p. 67). A própria organização das atividades didáticas deve ser encarada a partir da perspectiva do trabalho com projetos. De fato, respostas a perguntas tão freqüentemente formuladas pelos alunos, em diferentes níveis, como "Para que estudar Matemática? E Português? E História? E Química?" não podem mais ter como referência o aumento do conhecimento ou da cultura, ou ainda, mais pragmaticamente, a aprovação nos exames. A justificativa dos conteúdos disciplinares a serem estudados deve fundar-se em elementos mais significativos para os estudantes, e nada é mais adequado para isso do que a referência aos projetos de vida de cada um deles, integrados simbolicamente em sua relação aos projetos pedagógicos das unidades escolares. As palavras de ABREU reiteram de modo singular o que acima se afirmou: "*É na percepção clara dos estudos como meios ou activi-*

75

dadas intermediárias vistas à concretização de projetos de vida que repousa a atribuição de sentido e de valor instrumental à escola e aos estudos, que aparecem assim com interesse mobilizador" (apud FONSECA, 1994, p.73).

Projetos, ciências, profissões

Uma última reflexão sobre a emergência e a crescente relevância da idéia de projeto, tanto como representação das projeções, das aspirações dos indivíduos quanto como instrumento adequado à organização das práticas sociais, sendo a civilização atual, inclusive, caracterizada como uma "civilização de projetos" (LELONG, apud BARBIER, 1993, p.20): a despeito do aparecimento de tantos trabalhos nos últimos anos que situam a noção de projeto no centro das atenções, em muitos pensadores o interesse pelo tema é bem mais antigo. BACHELARD, por exemplo, ao caracterizar o universo científico, em um notável trabalho publicado pela primeira vez em 1934, escreveu, incisivo, quando ainda se dispunha muita energia em discussões sobre os papéis relativos do sujeito e do objeto na elaboração do conhecimento: "*Acima do sujeito, além do objeto imediato, a ciência moderna se funda sobre o projeto. No pensamento científico, a mediação do objeto pelo sujeito toma sempre a forma do projeto*" (BACHELARD, 1968, p.18). Por outro lado, em um trabalho seminal já citado anteriormente neste texto ("As Ciências do Artificial", 1969), Herbert SIMON procura caracterizar o que denomina "a ciência do projeto", destacando que: "*Os engenheiros não são os únicos projetistas profissionais. Projeta quem quer que conceba cursos de ação com o objetivo de transformar situações existentes em situações preferidas; a atividade intelectual que produz artefactos materiais não é fundamentalmente diferente da que prescreve remédios a um doente ou da que concebe um plano de vendas para uma companhia, ou uma*

nova política de bem estar social para um Estado. Assim concebido, o projeto é o núcleo de todo o ensino profissional; é a marca principal que distingue as profissões das ciências. Tanto as escolas de engenharia como as de arquitetura, comércio, educação, direito e medicina se ocupam centralmente do processo do projeto" (SIMON, 1981, p.193). Assim, na ciência ou nas profissões, no universo do conhecimento ou no do trabalho, a idéia de projeto há muito sobressai no círculo restrito das noções verdadeiramente iluminadoras, de caráter enciclopédico, transcendendo as fronteiras das disciplinas constituídas e das temáticas supostamente especializadas. Atualmente, mais acenadamente ainda do que no momento registrado por BACHELARD, o trabalho acadêmico e as atividades de pesquisa em todas as áreas do conhecimento organizam-se precipuamente sob a forma de projetos. No caso da educação básica, o trabalho com projetos ainda não tem o mesmo caráter hegemônico, mas é de se esperar que também venha a tê-lo, sobretudo em decorrência da intenção - esta sim, de natureza hegemônica - de aproximar e associar as atividades de ensino e de pesquisa, possibilitando ao professor desenvolver um trabalho de pesquisa, qualquer que seja o nível de ensino em que atua. A idéia de projeto é absolutamente fundamental, neste sentido.

Conclusão

Para concluir, convém sublinhar o que aqui e ali já se registrou: tanto quanto o ar e os alimentos são imprescindíveis para a manutenção da vida em sentido biológico, os projetos o são para a existência de uma vida plena, em sentido humano. Continuamente, os projetos nos alimentam, nos impulsionam para a frente, nos mantêm vivos. As utopias constituem inspirações para projetos, contribuindo para uma articulação fecunda entre aspirações individuais e coletivas. Os totalitarismos de

todas as cores e matizes simplificam exageradamente o ser humano, eliminando as utopias e limitando os projetos individuais a um espectro demasiadamente estreito. No universo econômico, um excesso de planificação pode contribuir para uma atrofia dos projetos individuais, para um aprisionamento das ilusões. No terreno educacional, uma necessária sementeira de valores é imprescindível para a produção de projetos legítimos. Sem o suporte de uma arquitetura de valores, a capacidade de projetar pode conduzir a desvios ou a becos sem saída. Parafraçando Goya, para quem "os sonhos da razão produzem monstros", é possível afirmar-se que projetos sem valores podem resultar monstruosos.

F



Sobre a idéia de tolerância

Não faças ao outro aquilo que não gostarias que fizessem a ti.

(Confúcio)

Não faças aos outros aquilo que gostarias que fizessem a ti: eles podem não gostar.

(Bernard Shaw)

Enseña el Cristo: a tu prójimo

amará como a ti mismo

mas nunca olvides que es otro.

(Antonio Machado)

Introdução: a virtude da tolerância

Assim como a *república platônica* considerou a *justiça* a virtude fundamental, a *monarquia entronizou a lealdade* ao rei como a virtude máxima, a *burocracia* cultuou a *eficiência* como bem supremo, o *socialismo* e o *liberalismo* erigiram-se com base na exploração de uma idéia de *fraternidade* e de *liberdade*, respectivamente, as *democracias modernas* não se instituem sem o suporte e o esclarecimento da idéia de *tolerância*.

Trata-se, ao que tudo indica, de uma virtude suscetível de muitas incompreensões ou simplificações, desde a *boutade* do poeta francês Paul Claudel (1868-1955) - "*Tolerância? Existem casas para isso...*" - até sua identificação com a máxima va-